



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
9ª Conferência Global sobre Viagens e Turismo**

Florianópolis-SC, 14 de maio de 2009

Meu caro governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique da
Silveira,

Ministros Juca Ferreira, da Cultura; Luiz Barretto, do Turismo; e Altemir
Gregolin, da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca,

Senhor Leonel Arcângelo Pavan, vice-governador do estado de Santa
Catarina,

Deputado Jorginho Melo, presidente da Assembléia de Santa Catarina,

Senadora Ideli Salvatti,

Senador Neuto de Conto,

Senhores deputados federais,

Meu caro Dário Berger, prefeito de Florianópolis,

Senhora Jeanine Pires, presidente da Embratur,

Meu caro Taleb Rifai, secretário-geral da Organização Mundial do
Turismo,

Senhor Jean-Claude Baumgarten, presidente-executivo do WTTC,

Senhor Geoffrey Kent, presidente do Conselho do WTTC, em nome de
quem cumprimento os demais membros do WTTC,

Amigos,

Convidados,

Secretários dos estados,

Secretários municipais,

Jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,



Toda vez que participo de um encontro desta magnitude, em que precisamos falar bem do nosso país para convencer alguém a acreditar no país que tanto nós acreditamos, eu sinto um certo conforto, porque nós não precisamos dizer, em nenhum evento internacional, nada mais do que a verdade e apenas a mais absoluta verdade.

Em primeiro lugar, este evento que estamos fazendo aqui é o primeiro de uma série de eventos que nós pretendemos fazer ao longo dos próximos oito anos. Não sei se a direção da WTTC está percebendo que este evento é o primeiro evento de uma série de coisas que nós queremos conquistar para o Brasil, para a América Latina e para a América do Sul.

Primeiro, este encontro, que pela primeira vez se reúne no nosso continente. Em 2014, a Copa do Mundo. E, se Deus quiser, em 2016 traremos para o Brasil as Olimpíadas. Estamos trabalhando fortemente para convencer os membros, delegados do Comitê Olímpico, de que qualquer país do mundo, dos países desenvolvidos, que realizar a Olimpíada em 2016, será apenas mais uma Olimpíada, mas realizá-la aqui no Brasil é possibilitar a autoafirmação de um país que está demonstrando, nesses últimos anos, que não depende de ninguém mais para que a gente se transforme em uma grande nação.

Quero dizer isso para mostrar a vocês que o Brasil não trata mais a questão do turismo como um discurso de campanha eleitoral, [e] não trata a questão do turismo porque é bonito falar em turismo. Nós tratamos a questão do turismo porque entendemos que o turismo é uma indústria extraordinária de geração de desenvolvimento cultural, de desenvolvimento econômico e por que não dizer, de geração de empregos e distribuição de renda.

O que nós temos a oferecer a vocês? Facilidades? Não. Até porque o nosso presidente passou aqui viajando o Brasil inteiro. Certamente, já conhece o Brasil mais do que eu e do que o Governador, e eu não posso dizer alguma



coisa que amanhã ele diga para vocês: “não é verdade o que o Presidente disse”.

Possivelmente, tenhamos o maior potencial turístico que tem um país do mundo hoje, que nem nós mesmos, brasileiros, conhecemos. Agora há pouco, em uma reunião pequena, com alguns representantes da direção do WTTC, eu dizia que duvidava que os dirigentes brasileiros e os políticos brasileiros soubessem que o Brasil tem 2.600 museus. E duvido também que os empresários do turismo brasileiro saibam que o Brasil tem 2.600 museus. E não sabem porque nunca foi falado para ninguém.

A coisa mais extraordinária de um brasileiro que viaja para o exterior é que ele quer conhecer todas as coisas antigas que existem no mundo. Ele quer conhecer as pirâmides do Egito, ele quer conhecer as igrejas extraordinárias da Espanha, os castelos fantásticos da França, da Alemanha, e ele acha maravilhoso tudo aquilo preservado, tudo aquilo como se fosse novo, tudo aquilo extraordinário e bonito, para se imaginar como era que se vivia 600, 700 ou mil anos atrás. Mas quando se trata de a gente querer restaurar uma obra aqui no Brasil, um prédio histórico – certamente, os senhores sabem que não temos 5 milhões de anos de história, temos 500 anos de história - mas quando tratamos de preservar um prédio, não faltam aqueles que dizem que estamos jogando dinheiro fora: “Para que consertar um prédio antigo?”

Quem passar por São Paulo e vir a avenida Paulista com aqueles prédios extraordinários, com sedes de federações empresariais, com os maiores bancos do Brasil, não sabe que há pouco tempo a Avenida Paulista tinha casarões extraordinários do século XVIII, do século XIX, que foram derrubados sem nenhuma avaliação histórica da importância para o futuro da nossa juventude ou para o futuro do Brasil. Aquilo era derrubado e demolido, e no lugar se construía um prédio, sem que nós estabelecêssemos critérios de importância, até turística.

Hoje, o Brasil mudou. Mudou, porque a primeira coisa que nós fizemos



foi criar um Ministério para cuidar especificamente do turismo. Eu disse agora há pouco e vou repetir aqui: na década de 40, o Ministério do Turismo no Brasil era tratado no Ministério da Agricultura. Mais tarde, o Ministério do Turismo foi tratado no Ministério da Indústria e Comércio. Mais tarde, ele foi tratado no Ministério do Esporte. Na verdade, o turismo brasileiro nunca tinha sido levado a sério, embora fosse argumento e motivo para discursos em campanhas eleitorais, como se nós fôssemos o país que melhor cuidasse do turismo.

Quando nós criamos o Ministério do Turismo, a primeira coisa que nós definimos era que o Brasil precisaria ter uma política de turismo. Estabelecer uma estratégia com metas a serem alcançadas ao longo de um determinado tempo. E trabalhar para que o Brasil ganhasse credibilidade e convencê-los de que investir no Brasil era um bom negócio, de que receber visitas de turistas estrangeiros era um extraordinário negócio. Mas também criar as condições para que os brasileiros pudessem visitar outros países, para que os brasileiros pudessem aumentar o seu nível cultural e permitir que outros também, vindo aqui, aumentassem o seu nível cultural.

O que quer um turista? O turista pode ser um turista de negócios, que vem a um evento, a uma feira de automóveis, a uma feira de imóveis, a uma exposição de qualquer coisa no país. O turismo pode ser um turismo eminentemente de praia, aquele que quer ir a uma cidade, ficar à beira da água – sobretudo, onde tem muita água, como neste estado – tomando caipirinha, ouvindo as músicas brasileiras, vendo as pessoas passarem e, depois de uma semana, retornar ao seu país. Tem outros turistas que querem fazer turismo cultural, tem outros turistas que querem fazer turismo ecológico. Agora, tem a totalidade deles que quer fazer um pouco de tudo se nós ofertarmos para eles a possibilidade de ficar um dia na praia, de conhecer um dia um museu, de poder ter acesso à Amazônia, de poder ter acesso ao Pantanal, de poder ir a uma escola de samba, de poder participar da vida intensa de um país. Sobretudo o turismo culinário, experimentar a comida dos países, o tempero, o



gosto, a bebida, o hábito. E isso só é possível se nós sairmos do discurso e começarmos a fazer os investimentos em infraestrutura que precisam ser feitos, para que as pessoas tenham a garantia de que, mais do que palavras, as pessoas precisam ver as obras acontecerem no país.

O Brasil tem fronteira com quase todos os países da América do Sul, menos com o Equador e com o Chile. São mais de 15 mil km de fronteira seca. Entretanto, em 500 anos de história, a primeira ponte entre o Brasil e a Bolívia fui eu quem fez. A primeira ponte entre o Brasil e o Peru, nós fizemos em Assis Brasil, agora, no Acre.

Na verdade, falou-se durante séculos em turismo, mas pouco se fez para que as pessoas tivessem o livre exercício de transitar, criando facilidades nas nossas fronteiras e não mais dificuldades. Obviamente que todo mundo gostaria de receber só turista rico. Todo mundo gostaria de receber apenas o turista rico, aquele que gastasse milhares de dólares em uma semana na França, no Brasil, na Bolívia, na Índia, na Itália. Mas nós temos que levar em conta que a maioria da Humanidade não é rica e que mesmo o turista europeu, que vai à Espanha, que vai à França, que vai a qualquer outro país, ele sai com a consciência de turista de que ele só pode gastar o necessário, de que ele não pode gastar mais do que o seu orçamento permite que ele gaste.

Ora, então nós temos que fazer uma combinação. Primeiro, nós temos que ter certeza de que a miséria não atrai turista, a pobreza não atrai turista. Se fosse assim, a América Latina, a África e uma parte da Ásia seriam os maiores polos de turismo do mundo. Nós precisamos saber que ignorância e analfabetismo também não atraem turismo, atraem determinados estudiosos, educadores, mas muito poucos. O que, então, atrai o turismo? O governador citou algumas coisas importantes no estado de Santa Catarina. Eu poderia citar para vocês, além das belezas naturais que vocês reconhecem, que não dependeram de nós, já estavam feitas. Aliás, mais bonitas antes de os portugueses chegarem aqui, em 1500, o que nós fizemos foi estragar um



pouco a beleza da natureza. Eu fico imaginando, Luiz Henrique quando os portugueses chegaram ao Rio de Janeiro e viram aquele negócio virgem, aquelas matas virgens, que beleza que não era aquilo, ou quando chegaram aqui no litoral de Santa Catarina. O que nós fizemos foi estragar um pouco. Mas agora, estamos tendo consciência de que é preciso combinar a beleza natural que a natureza nos deu com a possibilidade de melhoria da qualidade, para que as pessoas possam frequentar aqueles lugares.

O nosso governo está fazendo no Brasil, não por causa da crise, porque antes da crise nós decidimos investir US\$ 304 bilhões em infraestrutura. E dentro da infraestrutura estão previstos 4.700 quilômetros de ferrovias, estão previstas melhorias em todos os aeroportos brasileiros, está previsto que a gente faça as estradas que tem que ser feitas, ferrovias, que a gente faça as coisas que precisam ser feitas, mas, sobretudo, que a gente melhore a qualidade de vida da população brasileira. Nesses últimos seis anos, 20 milhões de brasileiros saíram da classe C para a classe D e para classe E. [saíram da classe E para a classe D e para a classe C]. Nesses últimos seis anos, nós conseguimos fazer com que houvesse uma evolução na educação deste país. Somente universidades nós fizemos 14, 98 extensões universitárias, e vamos inaugurar, até 2010, 214 escolas técnicas para melhor qualificar a juventude brasileira.

Mas nós sabemos que é preciso fazer um pouco mais, que é preciso criar as condições objetivas. Ao convidá-los a fazer investimentos no Brasil, qual a disposição nossa de criar as condições que vocês já adquiriram em outros países? Não é a venda de facilidades. Tem gente que acha que para convencer um empresário a investir no Brasil nós temos que abrir mão de cobrar qualquer tributo, que temos que dar terreno de graça, quando na verdade o que nós temos que dar para vocês é a certeza de que nós estaremos preparados para receber os turistas com uma prestação de serviços de extraordinária qualidade.



O Brasil foi o último país do mundo a entrar na crise. E não haveria razão de termos entrado na crise como entramos, se não fosse a desconfiança causada pelo sistema financeiro, que fez com que o crédito no mundo desaparecesse. Imediatamente, nós tomamos a decisão de não permitir que nós tomássemos a decisão de não investir naquilo que estava previsto. Mantivemos todos os investimentos que estavam previstos. E, pelo contrário, aumentamos mais os investimentos, mais política social, para que a gente possa, ao sair dessa crise, sair em uma situação infinitamente melhor do que nós entramos.

Eu tenho dito aos presidentes de países do mundo que essa crise não é a crise para a gente ficar lamentando e chorando, que essa crise é a crise que provoca os estados a fazerem investimentos. E a fazerem muitos investimentos, para que a gente possa criar as condições de, ao terminar a crise do sistema financeiro, nós estarmos em condições muito melhores.

Vocês devem acompanhar a imprensa brasileira, devem acompanhar a imprensa nacional, e vocês estão percebendo que a economia brasileira está se recuperando, eu diria, de forma extraordinária. Ainda temos problemas. Qual é o problema que nós temos? É o problema de crédito, que não é um problema brasileiro, é um problema do mundo inteiro. Na medida em que o crédito desapareceu no mundo, 30% do crédito brasileiro era tomado no exterior. Na medida em que o crédito no exterior desapareceu, esses 30% que nós tomávamos lá fora vieram aqui para dentro. E aí, o que aconteceu, e aconteceu no mundo inteiro? O crédito ficou mais, eu diria, diminuto, mais caro, e as pessoas passaram a ter mais dificuldade para obter crédito.

O governo brasileiro, que tem um sistema de bancos públicos que garante 50% do crédito brasileiro... A decisão nossa foi comprar mais bancos. Compramos um grande banco do estado de São Paulo, a Caixa Econômica estadual [Nossa Caixa], um banco que tem 560 agências; compramos 50% do Banco Votorantim, que era o banco que tinha a maior expertise para financiar



carros usados no Brasil; colocamos um crédito de seguro – um seguro garantidor – para financiar os bancos pequenos que não estavam conseguindo capitalizar no interbancário e, ao mesmo tempo, anunciamos uma série de políticas de crédito para reativar a economia.

Anunciamos 1 milhão de casas populares neste país, pensando não apenas na casa, mas no enfrentamento da crise econômica para gerar empregos e gerar renda. Ao mesmo tempo, tomamos a decisão de fazer desoneração de impostos de vários setores e de toda sua cadeia produtiva, como a construção civil, como a indústria automobilística, como geladeira, máquina de lavar, para que a gente possa ativar o mercado brasileiro e permitir que a economia continue crescendo. E nós já estamos colhendo resultados.

Mas aí volta a questão do turismo. Ora, como é que a gente pode querer que o turismo funcione se a gente não tem, por exemplo, maior concorrência dos meios de transporte aéreos no Brasil? Como é que a gente quer que um brasileiro conheça a América do Sul, se a gente tem poucos voos para a América do Sul? Ou como é que a gente quer que um sul-americano conheça o Brasil, se os voos são muito poucos da América do Sul para cá?

Agora estamos discutindo com os governadores dos estados do Brasil a elaboração de uma política de regionalização da aviação brasileira. Se as empresas grandes querem ganhar dinheiro fazendo voos de capital a capital, ou de São Paulo a Paris, é um direito delas. Mas o Estado brasileiro precisa garantir que uma cidade média possa ter um pequeno voo para outra cidade média, para que a gente possa fazer com que as pessoas tenham liberdade de transitar entre as pessoas [cidades]. E isso, vocês sabem, e eu vou dizer aqui, que a nossa aviação regional já foi infinitamente melhor do que é hoje. Nós agora, junto com os governadores, tomamos a decisão de que nós vamos recuperar a aviação regional.

Da mesma forma que nós queremos, nesse processo de integração sul-americana, restabelecer a facilidade de voos entre os países da América do Sul



e restabelecer a possibilidade de viajar para os países africanos. Ou seja, coisa que nós não temos, coisa de que nós nos descuidamos, e coisa que agora nós estamos colocando quase como uma determinação governamental, para que a gente possa ocupar mais corretamente o espaço geográfico do continente e fazer com que as pessoas possam transitar entre os nossos países.

O que eu poderia oferecer para vocês virem para cá? O que eu poderia oferecer, além das coisas que vocês já conhecem? Obviamente, a melhor coisa que eu posso oferecer para vocês é um país com um poder aquisitivo razoável, que a gente possa ter uma combinação entre o crescimento do turismo externo e o crescimento do turismo interno. E isso está acontecendo no País.

Certamente, o Ministro do Turismo vai ficar aqui amanhã e vai poder conversar um pouco mais com vocês. Mas o Brasil, pelo tamanho que tem – o Brasil tem cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, e tantas outras cidades – o Brasil tem o potencial turístico que têm muitos países pequenos da Europa. Só que nós precisamos criar as condições para essas pessoas viajarem. E isso é uma responsabilidade da qual o governo federal não vai abrir mão.

O Governador de Santa Catarina sabe o esforço que estamos fazendo conjuntamente para duplicar a BR-101, para facilitar a vinda dos argentinos para cá, mas também a ida dos brasileiros para lá. É extremamente importante que os argentinos conheçam as praias de Florianópolis, mas é extremamente importante que o Brasil conheça as coisas extraordinárias que tem na Argentina, sobretudo a beleza de Buenos Aires.

É importante que o Brasil conheça as belezas turísticas do Peru, as belezas turísticas da Bolívia, porque se a gente fica olhando apenas, muitas vezes, pelo noticiário, só aparece a miséria, não aparecem as coisas importantes que tem nesses países, e nós sabemos que tem. Mas como um brasileiro vai a Cuzco, a Machu Picchu, se não tem meio de transporte para



levar essas pessoas? A não ser que a gente repita os diários de Guevara [Diários de Motocicleta], ou seja, todo mundo de motocicleta, andando por esse continente, quando na verdade fica muito mais fácil a gente fazer com que os presidentes dos países assumam a responsabilidade de criar as condições para que a aviação, se em um primeiro momento é deficitária, que a gente participe, até muitas vezes subsidiando, mas que a gente possa criar linhas que no começo serão deficitárias, mas depois serão muito lucrativas. O que é importante é que as pessoas percebam que elas terão o direito de ir e vir, e isso cabe aos Estados garantir.

Da minha parte, eu queria terminar dizendo a todos vocês: eu estou convencido de que em 2022 o Brasil completará 200 anos de independência. Desses 200 anos de independência, em mais da metade do século XIX e do século XX, o Brasil foi um país subserviente. O Brasil foi um país que não acreditava em si mesmo. O Brasil foi um país que não tinha autoestima e nós agora estamos cheios de autoestima. Essa crise mostrou quem é quem na economia mundial. A coisa que mais me dá orgulho é saber que, quando tem uma crise da magnitude dessa crise – que economias, como os Estados Unidos, entram em crise; que economias, como a inglesa, entram em crise; que economias, como a alemã, que é a maior exportadora do mundo, entram em crise – o Brasil se apresenta ao mundo como o país com mais estabilidade econômica. O Brasil se apresenta ao mundo com a sua regulação do sistema financeiro melhor do que a de qualquer outro país do mundo. E é por isso que nós estamos convencidos de que sairemos da crise mais fortes do que nós entramos nessa crise.

Todos vocês gostarão de fazer investimentos em países que não tenham crise. Todos vocês gostarão de fazer investimentos em países que ofereçam belezas naturais, mas que ofereçam também atividades culturais para vocês, que ofereçam possibilidade de segurança, que ofereçam possibilidade daquilo disse o Governador do estado: de as pessoas poderem



fazer de uma viagem, com uma passagem, e conhecendo um país do tamanho do Brasil, [conhecer] vários países ao mesmo tempo, porque no Brasil, vocês vão conhecer, cada região é uma região. Cada região tem um clima, cada região tem uma riqueza natural, cada região tem um potencial extraordinário. E eu acho que vocês não podem perder a oportunidade de aproveitar isso.

Da parte do governo federal, eu tenho certeza de que da parte do governo estadual e do governo municipal, nós apenas queremos dizer a vocês: não somos os melhores do mundo, mas também não somos os piores, não somos inferiores e nós estamos ávidos para recuperar o tempo perdido que este país teve em não acreditar no turismo como uma das principais indústrias de desenvolvimento do país.

Boa sorte! Deus queira que amanhã faça sol para que vocês possam degustar um pouco dessas praias, que possam pisar nas areias de Santa Catarina, de Florianópolis, que vocês possam comer um bom camarão, na hora, cedo, na beira da praia. Que o Governador providencie uma caipiríssima para vocês saberem a diferença da nossa caipirinha para o *aquavit*, para o (incompreensível), para o uísque. Eu tenho certeza de que vocês vão gostar muito mais. Eu espero que isso seja motivo para atraí-los a fazer investimentos em nosso país.

Que Deus dê a vocês toda tranquilidade do mundo nesses dias que estarão em Santa Catarina.

Um abraço e obrigado.

(\$211A)